



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Parallelo*, versos, por Amador Teixeira; *Contos da Caróchinha*, por Catulle Mendès;—*Emilia*, versos, por Alberto Pimentel;—*Uma viagem na Hespanha*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Tibi*, versos, por Alves Crespo;—*Os eccentricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*Pequena historia*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*As duas esmolos*, conto, por Eduardo Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatempos*);—*Arir*;—*Um conselho por semana*;—*Um rapto*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Carlos Relvas*;—*Os irmãos Andrades*;—*Um bom negocio*;—*Uma sala do palacio do Têrem em Moscow*;—*Caca às aves aquaticas no paiz dos esquimaus*.

CHRONICA

E até que enfim se foi o paspalhão do Entrudo.

E' claro que nos reterimos ao Entrudo official, consagrado pelas folhinhas e pela bisnaga indigena. O outro, o de todos os dias, aquelle que não espera o domingo gordo para se exhibir, nem precisa de mascara para empulhar o proximo, continua ovante a sua vidinha patusca de Polychinello, inventando candidatos grotescos á representação nacional e despejando uma cornucopia de graças sobre todos os pharmaceuticos d'estes reinos.



CARLOS RELVAS

Porque a vida, afinal, não passa d'um entrudo permanente. Houve já quem o dissesse, mas isso não impede que nós venhamos repetil-o agora, depois de lançarmos as nossas vistas embasbacadas por cima de todos esses mil e um ridiculos sociaes com que ahi nos divertem dia a dia.

E se não, olhem-me para o sr. Pedro Franco, de Belem, o nedio e popular author de varios xaropes e farinhas ferruginosas com que a humanidade restaura a sua preciosissima saude debilitada.

Uma bella noite, depois de ter manipulado o mais agri-doce dos seus purgantes, o benemerito boticario foi aconchegar-se nos tepidos lençoes de linho, caseiros; adormeceu, e teve sonhos de grandeza, visões auri-luzentes de gloria. Na manhã seguinte, accordou feito pae da patria e conselheiro ainda por cima.

Passados tempos, nova purga, nova soneca, novo sonho, e ao despertar, zás: s. ex.^a apparece-nos todo emplumado, ostentando os alvos arminhos de par de galão branco. E duas á preta.

N'este entrementes, o paiz começa a achar os xaropes do sr. Franco menos bem manipulados e as farinhas menos efficazes na cura da anemia. Em compensação, s. ex.^a acha-se muito mais gentil e immensamente mais livre de sujar as mãos, nas obrigações do seu novo mister. Não fabricava tizanas? Embora; manipulava leis; e se um preparado ferruginoso só pode aproveitar a quem não tem bastante ferro no sangue, uma boa lei aproveita a toda a gente, aos enfermos e aosãos.

A folhas tantas, o senador Pedro Franco principiou a notar que a clientella da pharmacia diminuia na mesma proporção em que lhe subiam as glorias. Observando que não é asneira nenhuma puxar a gente a braza á sua sardinha no campo das coisas rendosas, s. ex.^a alevantou as vistas para a presidencia da Junta do Credito publico, e a presidencia veio cair-lhe em casa, não como um raio devastador, mas como um maná celestial destinado a equilibrar-lhe as finanças periclitantes.

Tal qual a historia do macaco, da navalha e da sardinha, que nos contaram em garoto. O carnaval pegou no sr. Franco, e fez d'elle um deputado, do deputado um conselheiro, do conselheiro um senador, do senador um burocrata. Chama-se a isto a epopêa da pommada alvissima e do unguento basalicão.

Mas á epopêa faltava um canto ainda. A'quelle poema heroe-comico iniciado na pharmacia de Belem, era preciso acrescentar, em letras de ouro, um epilogo espaventoso, sobre o qual brilhasse uma corôa de conde. Recorreu-se ao entrudo, e o entrudo de 1887 fez do burocrata um grande do reino, como o de 1800 e tantos fizera do pharmaceutico um pae da patria.

A' hora em que a Chronica vae transpôr o teu gabinete perfumado, gentilissima leitora, o conselheiro Pedro Franco estará feito conde... não sei de quê.

E não te admires de que eu o não saiba; não o sabe elle proprio, ainda; não o sabe o governo ao certo. Vacilla-se entre uns poucos de titulos, como a burra de Buridan, apertada pela fome e pela sede, vacillava entre uma medida de cevada e um balde d'agua. Pensou-se em conde da Praia do Rastello, mas houve receio de que as cinzas de Vasco da Gama se melindrassem: uma susceptibilidade pueril. F'allou-se em conde de Porto Franco, mas era *shocking*. Conde da Ajuda, dava ideia de nobreza com obstrucção de ventre, e poz-se de parte. Conde d'Alcolena, faz lembrar a sr.^a Cecilia Fernandes, e não pareceu euphonico nem distincto. Mas conde de quê? Nós, o saberemos dentro em pouco; ha de ser de qualquer coisa, por força.

Como vês, não deixamos de viver em perfeito carnaval de ridiculos. O carnaval da empoadella e da gebada,

esse é que se foi, e só reaparecerá d'aqui a um anno, mais civilizado, talvez, e muito menos porco, se a nota distinctissima, dada em terça feira gorda, na Avenida, por S. M. a Rainha, encontrar imitadores, e se a camelia e a violeta conseguirem fazer fugir envergonhados, para bem longe de nós, os ordinarios tremoços e as bisnagas d'aromas problematicos.

Porque foi a gentil soberana quem iniciou, no nosso meio pelintra e burguez, essas vistosas batalhas de flores com que lá fóra, na sua bella Italia poetica, lhe recrearam a mocidade côr de rosa. Iniciadora de tudo quanto entre nós é caritativo, quiz sel-o tambem de tudo quanto é elegante, arremessandô ao povo, em horas d'alegria, no esplendido *corso* da Avenida, as camelias brancas dos seus jardins, como já lhe tem arremessado, em horas de tristeza, os balsamos suaves da sua caridade.

E teima-se para ahi em afirmar que vae ser, dentro de poucos dias, avó, a sympathica filha do rei *galantuomo*. Quasi que não se acredita. A idéa d'avó traz-nos a idéa de fronte enrugadas, de cabellos alvos como o linho, de olhos amortecidos e busto arqueado, de quietação e adormecimento. A palavra só, basta para nos dar a sensação dos frios de dezembro, dos gelos do inverno; e a gentil Princeza é ainda irmã gêmea da Primavera, na frescura do olhar e dos sorrisos.

Quem assim folga por entre as massas populares, com a graciosissima desenvoltura da mocidade, de cabeça erecta e firme onde esplendem jubilos de creança, não pode ser avó: é, quando muito, a irmã mais velha do proprio neto.

E estamos em plena Queresma, na quadra consagrada á meditação e á penitencia, ao recolhimento do espirito e ás macerações do corpo. Já se não ouve, pelas ruas varridas do tremoço, a guizelhada estridula dos *pierrots* e a inferneira dos *salsas*.

*Au temple, un peu de cendre epars sur nôtre front,
A changé ce tumulte en un calme profond...*

como disse algures um poeta.

E ainda bem que o silencio é profundo, que as cinzas da Egreja acabaram com a vozearia dos *chéchés*. O paiz precisa recolher-se para eleger os seus representantes; o sr. ministro do reino carece de muito socego para descobrir um titulo que quadre bem ao sr. Pedro Franco; o seu collega da marinha quer dormir em descanso uma rapozeira sobre o caso de Zanzibar, e o *Correio da Manhã* deseja poder dizer-nos, depois de estudar a serio o problema, no remanso da Quaresma, qual é, emfim, a mais formosa das nossas actrizes.

A Amelia da Silveira está provado que não é. A Beatriz, do Gymnasio, protesta, e a Josepha d'Oliveira, da Trindade, requer um concurso por provas publicas.

Emquanto uns se penitenciam e outros dormem, vou eu sonhar, accordado, com o terrivel *Memento* dos santos padres, até que chegue o *dies iræ* assassino das minhas mais queridas iilusões.

Queres tu, que me lês, sonhar commigo, queres?

SANTILHANA.

PARALLELO

No jardim, a borboleta
Paira de leve, saltita,
No azul da violeta,
Na rosa branca, bem dita.

Pois tambem eu devaneio,
Pondo-me, doido, a mirar
A brancura do teu seio
O azul do teu olhar.

Coimbra.

AMADOR TEIXEIRA.

CONTOS DA CARÓCHINHA

Os tres caminhos

I

Tres raparigas, Rosa, Rosalia e Rosalina, encontraram-se, no paiz dos sonhos, em uma encruzilhada, que se bifurcava em tres caminhos.

A primeira d'estas raparigas tinha 15 annos, a segunda 16, a terceira 17.

Tres viajantes e tres caminhos á escolha.

—E's tu, Rosa?

—Es tu, Rosalia?

—E's tu, Rosalina?

Todas tres tinham praticado n'esse dia a loucura de abandonarem a casa paterna, para correrem em busca de aventuras.

Rosa era filha de um fidalgo.

Rosalia descendia de um abastado burguez.

Rosalina era filha de um taberneiro.

II

Jornadeando sósinbas e sem guia, não sabiam! as louquinhas, por qual dos caminhos deveriam optar.

Para onde se dirigiam ellas? Para a Felicidade.

Ai de nós! é no rastro da felicidade que segue, desde o primeiro dia, a eterna caravana das illusões humanas!

As tres viajantes detiveram-se perplexas.

—E se nós lessemos, lembrou Rosa, os letreiros que estão escriptos n'aquellas taboletas?

—Lê-os-hemos, disse Rosalia.

—Mas eu não sei ler, objectou Rosalina.

Na taboleta, collocada no principio do caminho mais largo, estavam escriptas as seguintes palavras:

«Meninas de cabellos de ouro, dignas de cingirem uma corôa, prefiram este caminho, se querem gosar o orgulho triumphal de serem princezas e rainhas!»

Rosa acudiu:

—A minha escolha está feita. Adeus, pequenas.

Na taboleta do segundo caminho, lia-se:

«Donzellas que experimentarem o desejo de conhecerem as ineffaveis delicias do amor, escolham este caminho.»

Rosalia disse:

—A minha escolha está feita. Adeus, meninas.

Então Rosalina, supplicou:

—Visto que eu não sei ler, expliquem-me o que se acha escripto na taboleta da estrada mais estreita.

N'essa taboleta lia-se:

«Acredita-me, creança que jornadaes! Prefere este caminho! Não posso dizer-te onde elle conduz; não te levará nem para a gloria, nem para o amor; e entretanto, é o melhor de todos.»

—Pois bem, volveu Rosalina, será esse que eu escolherei! Boa viagem, minhas senhoras.

Antes de se separarem, as tres combinaram encontrar-se d'alli a um anno, no mesmo dia, á mesma hora, na encruzilhada, para ahí referirem as suas aventuras e saberem qual fora a que melhor escolhera.

III

Apenas deu os primeiros passos na gloriosa estrada, Rosa viu encaminhar-se ao seu encontro uma deslumbrante multidão de embaixadores e cortezãos. Vestiam todos magnificos fatos de côres vistosas, recamados de bordados a ouro e conduziam urnas cheias de reluzentes pedrarias. Os embaixadores, seguidos dos camaristas, vinham pedir para um illustre monarcha a mão da viajante Rosa. Rosa concedeu, sem difficuldade, a mão que tanto se empenhava em pegar em um sceptro; n'essa mesma noute, Rosa fez a sua solemne entrada no palacio do maior rei do mundo, ao som das acclamações e das musicas, que a festejavam. O rei possuia um sem numero de vassallos, um interminavel numero de exercitos, uma profusão exuberante de thesouros e glorias, e uma bella barba branca, que lhe chegava á cintura.

IV

Na outra estrada, Rosalia não encontrou nenhum cortejo pomposo, mas em compensação viu um bonito rapaz de vinte annos, que se prostrou aos seus pés, exclamando:

—«Ah! como eu te amo e como sou feliz, podendo colher nos teus labios a divina ambrosia do beijo. Segue-me até á espessura mysteriosa da floresta, vamos assentar-nos na sombra perpumada dos salgueiros que soluçam como corações ebrios de amor! Ou então, se acaso receias os perigos da solidão no bosque, conduzir-te-hei á minha casa, no alto da collina, e ahí, longe dos importunos, os nossos corações confundir-se-hão no extasis de um olhar, profundo como uma eternidade!»

E Rosalia, cuvindo-o, disse, sem hesitar:

—Vamos!

V

Rosalina caminhou por espaço de muito tempo, seguindo pela estrada mais estreita, orlada de espinhos e pedregulhos. Ninguém lhe apparecia, nem embaixadores que imploram em nome do seu illustre amo, nem namorados que sabem por onde se vai para os bosques silenciosos, ou para as discretas thebaidas nupcias.

Anoitecera, e ainda a pobre rapariga não encontrara um folego vivo. Toda a terra empalidecera, inundada pelo melancolico luar. Então, fatigada, morta de fome e de sede, com os pés feridos pelas pedras, Rosalina assentou-se no chão; n'esse momento uma forma branca surgiu por detraz de um salgueiro, cingiu-a nos braços, nos braços esqueleticos e desarticulados, e com uma bocca sem dentes que não se movia, fallou-lhe assim: «Vem, eu sou aquella que não engana nunca! Sou a pacificadora e a constante! Sou a unica amante, ou o unico amante, conduzir-te-hei para um leito frio, deliciosamente frio, sem pezadellos e sem acordar.»

Rosalina disse: «Tenho medo!»

Mas não lutou, e deixou-se arrastar pelos dois braços esqueleticos e desarticulados.

VI

Decorrido o anno fixado, no mesmo dia e á mesma hora, Rosa e Rosalia compareceram na encruzilhada, onde se bifurcavam os tres caminhos; quanto a Rosalina, tardava; mas era de supper que não deixasse de vir.

—Ah! exclamou Rosa, não são as triumphaes glorias dos fatos ricos e das festas sumptuosas que constituem a felicidade. Acaba a gente por enfastiar-se de ver tantos subditos obedientes e tantos exercitos victoriosos; e o aspecto de um esposo, assentado debaixo do docel, acariciando com a sua regia mão tremula a sua augusta barba branca, não é de natureza a dissipar o nosso aborrecimento.

Em seguida, Rosa chorou, reconhecendo que não tomara pelo caminho que seria indispensavel seguir para encontrar a felicidade.

—Ah! suspirou Rosalia, os mais apaixonados não deixam de ser infieis. Depois de ephemerias alegrias, soffrem eternas dores! Os labios que nos sorriam todas as divinas esperanças, volve-os, dias depois, contraídos pela pallida e contrafeita mentira, sob a qual se occulta a traição; e é terrivel esperar, á noute, durante as longas horas da vigilia, á luz da vela tão lentamente e tão rapidamente consumida, aquella que trará na barba e no cabello, se por ventura recolher a casa, o perfume de uma rival.

Em seguida, Rosalia chorou, reconhecendo que não tomara pelo caminho que seria indispensavel seguir para encontrar a felicidade.

E em quanto Rosa e Rosalia se lamentavam, Rosalina não apparecia

Porque faltaria ella á promessa jurada? Que obstaculo a deteria? Deitada n'esse leito muito frio, deliciosamente frio, sem pezadellos nem acordar, que se chama o tumulo, Rosalina sentira-se tão bem que não quizera levantar-se.

CATULLE MENDÈS.

EMILIA

(MINHA IRMÃ)

Nunca tu asas tiveras,
Que te elevassem ao ceu.
Nunca tu voar poderas
Co'as asas que Deus te deu.

Por mais que tu procuraste
Reprimir-lhe o ancioso vôo,

Eras tão debil! cansaste.
Deus quiz o anjo, elevou-o.

Tinha reflexos tão doces,
O teu olhar doce e brando,
Que logo pensei que fosses
Lyrio que veio voando

D'essa translucida esphera,
Tão crystallina e tão alta,
Onde a eterna primavera
Sentiria a tua fatta.

Então as flores celestes
Chorando saudosamente
Vestiram luctuosas vestes,
Feitas de seda sómente.

E, debruçadas nas sépalas,
Choraram pranto divino
Sobre o justicho de pétalas,
Polvilhado de ouro fino.

Deus viu-as tristes, chorosas,
Nos seus ethereos jardins.
E chorou co'as suas rosas,
Teve dó dos seus jasmins.

E como o pranto divino
Tambem, como pranto, queima,
Deus co' a sua voz, um hymno,
Dissera ás azas: «Trazei-m'a.»

E as azas mal escutaram,
A celeste melodia,
Obedeceram, voaram,
A vêr qual mais voaria.

Quando esse lyrio nevado
Chegou de novo ao empyreo,
la triste e maguado.
Deus extranhou o seu lyrio!

E o que o lyrio não dissera
Tudo Deus adivinhou.
Voando à celeste esphera,
Chorou emquanto voou.

As flores do azul sorriam,
Os lyrios do ceu cantavam.
Meus olhos ja te não viam,
Meiga creança, e choravam.

Nunca tu azas tiveras,
Que te elevassem ao ceu.
Nunca tu voar poderas
Co'as azas que Deus te deu.

24—2—87.

ALBERTO PIMENTEL.

UMA VIAGEM NA HESPAÑHA

II

Seguindo realmente com o maximo interesse este formoso livro encontramos o capitulo que se refere a Avila, e n'esse capitulo de dois assumptos principalmente se occupa o sr. Anselmo de Andrade: do convento de S. Thomaz, onde se preparam para a propaganda christã os missionarios que vão depois nas Filipinas sustentar o dominio hespanhol e o prestigio da religião, e do convento onde viveu Thereza de Jesus. Qualquer dos trechos a que alludimos é primorosamente escripto e denota fina observação.

Oiça-se por exemplo o que elle diz do convento de S. Thomaz, d'esse quartel, segundo a sua phrase, do batalhão ecclesiastico de Ultramar.

«N'este seu recenseamento de martyres, a Hespanha que nunca sabe ser hypocrita, é sempre franca e verdadeira. Não dissimula trabalhos, nem esconde perigos para obter a adhesão das consciências. Não engana a sua joven milicia. Não seduz os seus conscriptos com promessas, nem lhes desenha formosas paisagens no porvir. Annuncia-lhes, pelo contrario, trabalhos improbos e dolorosos supplicios. Das paredes do claustro pendem grandes quadros com as pinturas sinistras das crueldades que os esperam. Alvorçados pelo fanatismo, os pobres frades chegam a desejar esse destino. Os directores só assim lhes debuxam a gloria, para elles a não ambicionarem de outra forma. Por isso o ideal de cada um é vir a figurar alli, bem descarnado, bem cheio de sangue e bem mutilado no meio das torturas mais horrorosas e dos tormentos mais cruciantes. E' com este exercito disciplinado, commodo e barato que os hespanhoes conservam as Philippinas humildes e submettidas. Quando a vaga se encrespa um quasi nada, matam, prendem ou deportam, e basta esse terror, lançado de annos em annos no meio dos creoulos innocentes ou culpados, para tudo serenar novamente á voz dos pilotos tonsurados, que governam o leme da barca de S. Pedro no procelloso mar da China».

Vêem que os não enganei quando apresentava o sr. Anselmo de Andrade como um fino observador e um descriptor admiravel.

São igualmente bellissimas as paginas que elle consagra a Santa Thereza de Jesus. Parece-me perfeitamente acertado e justo o modo como elle encara o mysticismo de Santa Thereza, e não admira que assim o julgue, porque foi tambem assim que o encarei. Muito antes de terem demonstrado as festas de 1882 que Santa Thereza de Jesus era para os hespanhoes essencialmente uma gloria nacional, a expressão da alma ardente das Hespanhas, escrevia eu o seguinte, a proposito de Emilio Castelar.

«Os grandes poetas, os grandes escriptores que, por serem a mais sublime expressão do espirito nacional, exercem completa influencia nos seus compatriotas, possuem todos a eloquencia ardente do entusiasmo, a dedicação exclusiva a uma causa, a uma theoria, a um sentimento, a férvida aspiração para um ideal que varia, segundo os seculos e as condições do espirito humano, mas em que ellas sempre se absorvem com um ardor, com uma tenacidade de que não ha talvez exemplo na historia litteraria dos outros paizes. O sol que lhes illumina o firmamento, que lhes doira os horisontes, que lhes escaudece a imaginação, attrae-os irresistivelmente. A phrase scintilla-lhes inundada de esplendores, chammeja abrazada pelos raios do astro cada vez mais proximo, a que toda essa poesia aspira, e o poeta, o orador, o escriptor não pára, não desfallece, não trepida perante o deslumbramento d'essa vertigem de entusiasmo, vôa, vôa, sobe, ascende com os olhos sempre fitos no seu ideal, que o illumina, soltando gritos de jubilo, saciando-se com o espectáculo d'essas torrentes de luz, mergulhando-se n'ellas, até que a morte venha quebrar as cordas da lyra, apagar com o vento frio das azas negras esse delirio de fulgor, acalmar com a mão gelada essa febre de lyrismo.

Quando a humanidade delira com a exaltação do mysticismo, a Hespanha mostra ao mundo estupefacto Santa Thereza de Jesus; quando a triplice mão de ferro da dynastia do Austria, do jesuismo e da Inquisição esmaga todas as aspirações do espirito humano, prende-o n'um circulo acanhado, encerra-os na gaiola do madrigal, debate furiosa dentro das grades a imaginação ardentissima de D. Luiz de Gongora; quando no céu, d'onde o vendaval revolucionario affugentou as nuvens do despotismo, brilham com fulgor prestigioso os dois astros gemeos da liberdade politica e da sciencia historica, desprende o vôo das terras hespanholas, e libra-se nas azas possantes o espirito de fogo d'esse poeta da tribuna, d'esse poeta do jornalismo, d'esse poeta da cathedra, que se chama Emilio Castelar.

Não intento (note-se bem) fazer um paralelo entre tres genios profundamente diversos, intento unicamente provar que cada um d'esses tres escriptores é a expressão mais viva e mais ardente do espirito hespanhol em diferentes phases da sua existencia litteraria e politica.

Quando as discussões escolasticas sobre o amor divino e a graça divina occupavam gravemente o espirito dos grandes pensadores catholicos, quando os requebros e os extasis de um sensualismo devoto enlevavam as almas poeticas e religiosas, appareceu Santa Thereza de Jesus. O seu genio fogoso absorveu-se todo na contemplação d'esse ideal, as torrentes da sua immensa poesia despenharam-se por esse leito.

A sua imaginação embebera-se completamente no que seria para outros ou subtiliza altamente propria para com ella aflarem as armas da dialectica, ou vêu semi-diaphano com que encobriam as paixões humanas, para poderem entrar no recinto sagrado do templo. Thereza de Jesus, pelo contrario, eleva a subtiliza á altura de um ideal, e vôa para ella com o ardor duplamente impetuoso da sua fervente organização de poeta e de hespanhola. As argucias da escolastica desmaiavam perante esta subita irrupção de lyrismo apaixonado e energico. A eloquencia abrazadora da santa freira reveste de um corpo tangivel da visão alva e etherea que elle invocava com transporte nas suas noites de delirante entusiasmo, e de asceticas vigílias. Por tal forma se consubstanciou com essa criação da sua phantasia, approximava tanto de si a imagem divina, enlaçava-se de tal modo com ella, que nós, homens

OS IRMÃOS ANDRADES



FRANCISCO D'ANDRADE



ANTONIO D'ANDRADE

d'esta geração sceptica, que procura o seu ideal n'outro ponto do firmamento, não podemos ver n'essas inebriantes e voluptuosas paginas outra coisa que não sejam as delicias e os fervores de um amor carnal. Mas não é assim; essas roupagens sensuaes escondem um pensamento casto; porém, Thereza de Jesus é hespanhola e a sua phantasia não sabe, não pode conter as torrentes de eloquencia que lhe descem da mente aos labios. e que vaporam depois ardentes effluvios, que vão cingir de uma nuvem de amor o Esposo Divino, que é o pensamento constante das suas noites de castissimo delirio!»

E' n'esta ordem de ideias que entra igualmente o sr. Anselmo de Andrade, considerando porem ao mesmo tempo o caso de Santa Thereza de Jesus, debaixo do seu ponto de vista pathologico, ponto de vista moderno, em que ha, pelo menos, uma grande somma de verdade.

Correndo com o sr. Andrade pelo norte de Hespanha, notamos como elle sabe apanhar em cada cidade, em cada provincia que visita, a sua nota caracteristica, o seu traço capital. Assim vemos, n'um relance, Valladolid, com os seus grandes palacios desertos, aguardando a memoria dos seus antigos esplendores, a carrancuda e orgulhosa Leão com a sua immensa cathedral, e a Galliza com o seu caracteristico celtismo, esse celtismo que a torna irmã da Irlanda, até nas tendencias emigrantes, tão profundamente accentuadas nos celtas, que foram elles que, nas grandes migrações primitivas formaram a vanguarda; e Burgos com a sua cathedral maravilhosa, e os seus mosteiros de Miraflores e de Huelgas.

Tres pequenas observações, muito ao correr da penna :

1.º— Diz o sr. Anselmo de Andrade que S. Thiago não podia ser santo senão em Hespanha. Não nos tome S. Thiago, *apostolo*, por um santo hespanhol. Nem viveu na Hespanha nem cá veio. provavelmente. A Hespanha é que o confiscou em seu proveito.

2.º— O caso do caixote cheio de pedras em nada prejudica a indole cavalheiresca do Cid, da mesma forma que o caso das barbas dá pelo contrario relevo á figura cavalheiresca de D. João de Castro.

3.º— Como é que o sr. Anselmo de Andrade passou pelo mosteiro de Huelgas sem se lembrar da *D. Branca* de Garrett? Nem uma palavra, nem uma commemoração. Pois, ao passar em Huelgas, não se lembra de tirar o seu chapéu de viajante, e de bradar, como Aben-Afsn no primeiro canto do admiravel poema de Garrett:—

Real, real

Por Branca rosa flôr de Portugal?

PINHEIRO CHAGAS.

TIBI

Quando se fita o mar, por noites claras,
temos uma illusão suave, estranha,
vendo as estrellas n'agua a mergulhar...
Assim tambem, se acaso em mim repáras,
todo o meu ser parece que se entranha
no oceano de luz do teu olhar.

Ericeira.

ALVES CRESPO.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O Abbade Castro

Foi uma figura saliente, na restricta sociedade lisbonense, do tempo em que ainda se não tinha inventado o *high-life*, nem passava pela cabeça dos mais videntes que houvesse de futuro ser moda uma coisa chamada o *chá das cinco horas*, pretexto para umas reuniões mais baratas e mais semsaboronas, do que as já estafadas *sotrées* dançantes.

Chamava-se Antonio Damaso de Castro e Sousa, o homem

que Lisboa inteira conheceu, pela designação mais abreviada de Abbade Castro. Com effeito elle era abbade titular de Santa Eulalia de Rio de Moinhos, no arcebispado de Braga, mas creio que nunca se déra ao incommodo de visitar a sua abbadia, nem mesmo a titulo de amator de antiguidades, e de esquadrinhador de datas mal averiguadas.

Quando eu conheci o Abbade Castro devia elle andar pelos seus cincoenta annos, e tinha já escripto um numero sufficiente de opusculos, para merecer as honras de ser eleito socio honorario da Academia das Bellas Artes, do Conservatorio Real de Lisboa, e, mais tarde, da Sociedade Archeologica Lusitana.

Para socio da Academia de Bellas Artes recommendára-o um opusculo de vinte e quatro paginas, ácerca do real mosteiro de Belem; e um outro, de trinta e nove, intitulado: «Descripção do palacio real da villa de Cintra»; e ainda uma «Vida de Francisco de Hollanda» em desoito paginas. Para matar o tempo, que levava despreocupado de obrigações officiaes, todos os assumptos prestavam ao Abbade Castro para fundo das suas resumidas locubrações historicas, e foi para tornar mais amenas as suas muitas horas de ocio que elle deu publicidade aos «Fac-similes dos senhores reis, rainhas, e infantes que tem governado este reino» apenas com oito paginas de impressão; seguindo-se a tão futil trabalho, um outro folheto, com vinte e quatro folhas de impressão, intitulado: «Origem da guarda Real dos Alabardeiros, hoje Archeiros do Paço!»

Quando Almeida Garrett andava em 1839 na faina de organizar a Academia, que por alguns annos funcionou annexa ao Conservatorio, o Abbade Castro foi eleito socio, mas não me consta de nenhum trabalho seu que tenha relação directa, nem indirecta, com a indole de ensino especial do estabelecimento que Passos Manuel creára, e Almeida Garrett dirigia então com a boa vontade de um crente, e o prestigio de um nome, a que nenhum outro fazia sombra.

Os titulos litterarios que o Abbade Castro apresentava para merecer as honras de socio da «Sociedade Archeologica Lusitana» estavam mais em harmonia com a indole d'esta instituição, do que para ser socio do Conservatorio, ou da Academia das «Bellas Artes» attendendo ao auxilio que o Abbade Castro prestára ao conde de Raczynsky, para este escrever as obras intituladas «Les Arts en Portugal» e o seu «Diccionario Historico Artistico de Portugal».

O Abbade Castro levava de par as suas investigações historicas e archeologicas, com o trato intimo dos salões da moda, sendo um dos mais intimos frequentadores dos bailes do marquez de Vianna, e das representações theatraes do conde de Farrobo.

Contavam-se do Abbade Castro muitas anedoctas, que a indole d'este escripto me não auctorisa a transcrever, e quando elle apparecia á noite em S. Carlos, sempre no camarote de algum fidalgo de pergaminhos bem documentados, corria pela sala um leve susurro de muitas buzias de vozes, segredando aos ouvidos dos visinhos. «Lá está elle!»

Esta popularidade do auctor da «Carta dirigida a Salustio, amator de antiguidades» e da «Noticia ácerca dos antigos coches da casa real,» não lhe provinha dos seus creditos de antiquario, de que o publico pouco, ou nenhum caso fazia; mas do physico imponente do abbade titular de Santa Eulalia, e das historias que d'elle se contavam pela bocca pequena,

Estava eu tentado a descrever aqui o physico do Abbade Castro, quando me lembrou de que Rebello da Silva por vezes me dissera ser o abbade Silva, que figura no seu admiravel romance «A mocidade de D. João V», copiado do natural, e que procurára reproduzir n'elle a figura ascetica do Abbade Castro, fazendo ao mesmo tempo a critica dos immensos opusculos qua elle publicára, e dos quaes nenhum illucidava completamente os assumptos de que tratavam.

Recorri ao romance de Rebello da Silva, e n'elle encontrei, com effeito, desenhado com mão de mestre, o retrato do Abbade Castro, que mais fiel não pode ser, pelo que respeita ao physico; embora sejam carregadas as tintas com que o romancista faz a critica dos trabalhos litterarios do abbade Silva, que outro não é, como dissemos, do que o proprio abbade Castro.

Ahi vai o retrato.

«Entradas grandes em uma testa elevada e calva da mais bella expressão; a pelle fina, e côr de rosa desbotada; o rosto comprido sobre o oval, os olhos rasgados e cheios de animação; e uma bôca pequena e sêria, com soffríveis dentes, compunham aquella profunda, clerical e serena physionomia, capaz de inspirar um excellentê painel de S. João Chrisostomo.»

«Os gestos do personagem eram sempre graves; o riso discreto; as palavras poucas e pesadas a minutos.»

«A estatura alguma coisa arqueada, como é de uso nos eruditos, e o corpo esbelto, apesar de magro, tinha certa elegancia. As tibias extensas e pouco grossas tornavam-lhe as passadas longas e magostas.»

Rebello da Silva trata depois de vestir o seu abbade, e fallo com a mesma rigorosa exactidão com que lhe descrevera o rosto e os gestos.

A descripção não pode ser mais fiel, nem mais pittoresca:

«Vestia sempre fato escuro; e o corte meio secular, meio ofano, não desmentia a gravidade da presença. A bengala de

castão de porcellana japoneza, de feitio exotico, servia-lhe mais de taboleta que de encosto; assim como o antiquissimo anel egypcio, de um só rubi, mettido no dedo á maneira episcopal, era ostentado com estudado desleixo. Sinetes de camapheus, em vidrilhos pretos, pendiam dos dois relogios que trazia. Este uniforme scientifico-prelaticio tinha a vantagem de poder figurar aos credulos, que o sabio era pelo menos um bispo «in partibus infidelium. Toques originalissimos no gesto solemne, e na contracção mimica do rosto, completavam este retrato. A caixa de oiro oval, de tampa lavrada, abria-se lentamente e levantava o sabor das citações, ajudando-as com a pausa solemne das pitadas.»

«Esta figura agradavel, e nada antipathica, chamava-se o abbade Silva, posto que muitos lhe negassem a abbadia, e que alguns maliciosos até jurassem que nunca fôra ordenado.»

Assim introduzida no romance a figura imponente do abbade Castro, que a ter sido conhecida de Watter Scott o estimularia em proveito da arte, a ampliar o seu «Antiquario», Rebello da Silva completa com alguns toques de uma critica folgazã e um pouco acerba, o estudo do seu personagem pelo seguinte modo:

«O abbade honrava de frequentes visitas as casas dos fidalgos, e servia de conselheiro aulico aos seus illustres amigos nos casos intrincados. Com as senhoras era docil e sociavel a ponto de lhes prestar os serviços de escudeiro servente; umas vezes (ó excesso de civilidade!) servindo de ama carinhosa, e levando nos braços carinhosos os cachorrinhos de fralda; outras, como estribeiro cortez, sustendo na fuga a hacanea valida. Finalmente, senhor dos segredos de toucador, pegava no lapis e desenhava á franceza, ou á alleman, esses empinados toucados, cujas grinpas foram as delicias de nossos avós.»

«Genio universal, para elle a arte poetica e a arte da cosinha, os tractados scientificos e os roteiros de bailes eram coisas de importancia igual.»

«Não admira, pois, que esta utilidade humana, no theatro da boa companhia tivesse de mais a rara prenda de ser um archivo ambulante de noticias microscopicas para os estudiosos, e um catalogo eterno de suppostos manuscriptos, que se dignava condecorar de titulos imaginarios. O erudito cobria a pobreza do espirito com a dignidade perpendicular da pessoa, e affectava a sciencia enfusa, esbrugando as phrases, e deixando-as cahir como perolas. Era auctor de cinco tractaditos notaveis pela magreza do texto e a inchação das notas, e ainda mais pela exquisita puerilidade dos assumptos.»

«No primeiro confessou dez annos de aturadas escavações nas minas historicas para averiguar se acaso certo viso rei da India morrera de bexigas doidas, ou de sarampo.»

«No segundo, (a obra prima) doze annos consumidos em apurar a natureza do milagre que despegou as pernas a Affonso Henriques, pareceram-lhe doze mezes. E para eterna gloria da sua epoca, descobriu um pergaminho cheio de nodoas, que era, dizia elle, uma doação authentica do punho do conquistador de Lisboa «de mui buena letra» na qual se declara ter sido curado sua mercê el-rei pela virtude da famosa receita da podraga achada na caveira de Santo Thyrso pelo seu aio Egas Moniz.»

«Terceiro opusculo (coisa sublimel) reunia uma colleção de «maximas e autographas de todos os reis de Portugal, começando em Luso e Abidis, e acabando em D. João IV, que vingou os «reaes garafunhos do esquecimento calligraphico.»

«Finalmente as paginas mais variadas da sua penna eram «sem questão duas memorias consagradas a provar que as barbas de D. João de Castro entraram ruivas quando as empenhou em Goa, e sahiram pretas quando as resgatou.»

«Cinco paginas em cada uma, locupletadas com setenta paginas de notas, enchiam de erudição este ensaio capillar; e só a «venda avulsa rendeu para se vestirem seis orphãos de ambos os sexos, com o fructo de tão rara locubração.»

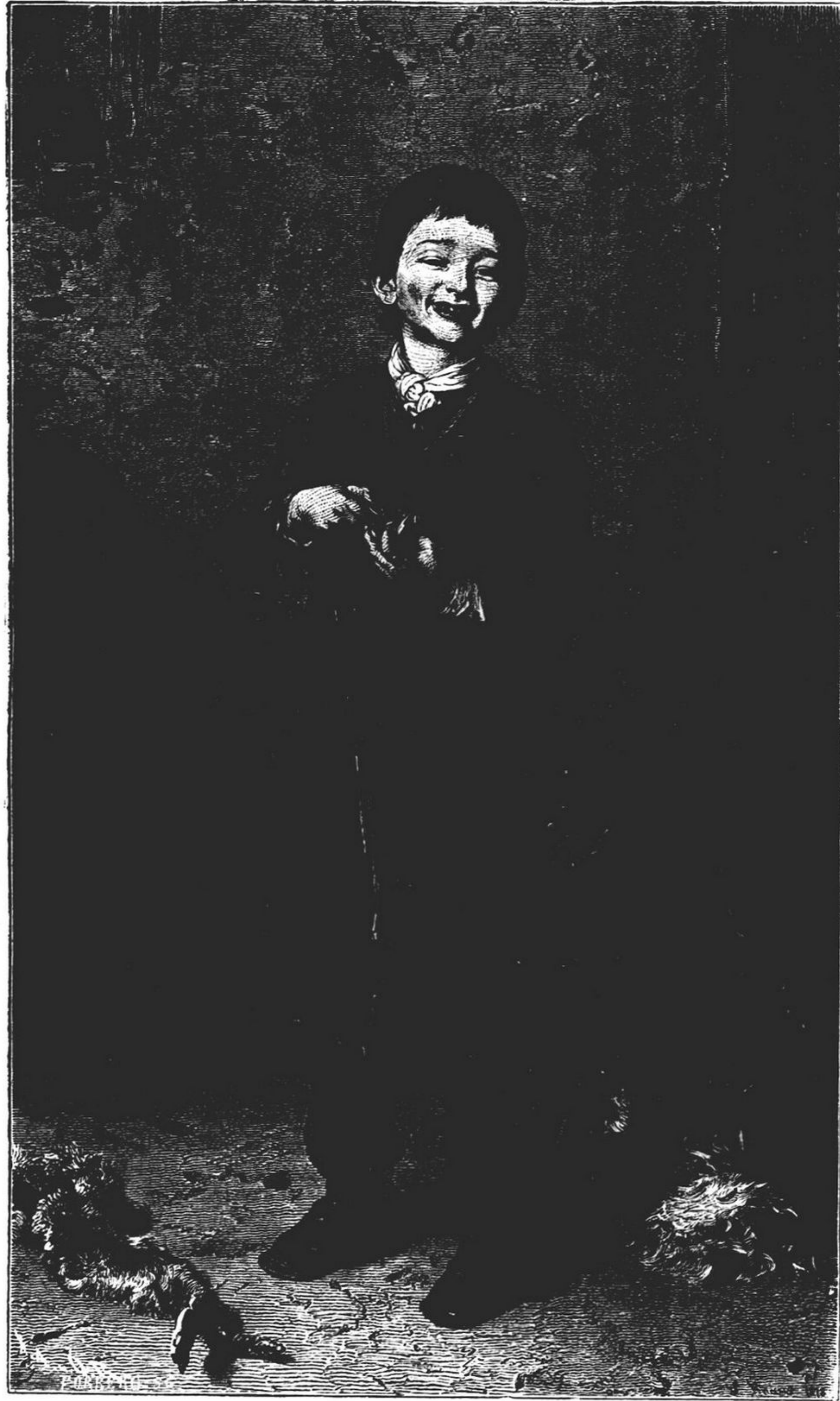
As allusões aos trabalhos do abbade Castro sam mais que transparentes nos periodos que acabei de citar, sam sarcasticas e fulminantes.

O Abbade Castro, que nascera em Lisboa em 1804, ainda em 1867 exercia o logar de adjunto ao provedor da santa casa da Misericordia, para que fôra despachado pouco tempo antes.

O Abbade Castro publicou o seu primeiro opusculo em 1837, e o ultimo em 1863, abrangendo este, em vinte paginas apenas, noticias ácerca da pintura, esculptura, gravura e architectura, com a indicação dos artistas que mais se distinguiram em cada uma das referidas artes, opusculo a que, como a quasi todos do mesmo auctor, se pode applicar a locução popular, de *querer metter o Rocio na Bitesga*.

Disse eu que o Abbade Castro fôra socio do Conservatorio Real de Lisboa, e nada escrevera, nada que tivesse relação com o ensino da musica nem da arte dramatica. Assim foi de facto; mas querendo por algum modo desobrigar-se do encargo que tomara de socio do Conservatorio, escreveu em 1846 uma «Memoria Historica» ácerca da fundação do hospicio da invocação de N. S. da Divina Providencia, onde já então funcionavam as aulas do Conservatorio, na rua dos Caetanos.

Este opusculo, que apenas conta deseseis paginas de impressão, não se recommenda por nenhuma indagação sêria, nem illu-



UM BOM NEGOCIO

cida nenhum ponto obscuro da historia do hospicio, relativamente á sua fundação.

A referencia que Rebello da Silva faz no seu romance á «collecção de maxima: autographas de todos os reis de Portugal, desde Luzo e Abidis até D. João IV», é uma parodia evidente ao opusculo do Abbade Castro, que contém os: «fac-similes das assignaturas dos senhores reis, rainhas e infantes que teem governado este reino até hoje» e que Rebello da Silva com fundamento accusa, como entrando no numero dos trataditos notaveis pela magreza do texto e a inchação das notas, e ainda mais «pela exquisita puerilidade dos assumptos.»

A moralidade a tirar do que fica escripto, é que a erudição postiça, é a mais banal das prendas com que um homem que não tem que fazer, pode aspirar a captar a benevolencia dos leitores.

L. A. PALMEIRIM.

PEQUENA HISTORIA

(A Azeredo Antas)

Disseram muito mal da pobre rapariga.
Os mocetões da aldeia, ao verem-n'a passar,
Não lhe davam sequer uma palavra amiga,
Como outr'ora, quando era o mimo do logar.

Afastavam-se d'ella as proprias companheiras,
As intimas do tempo em que era honesta e pura,
E o seu noivo gentil fugira-lhe, ás carreiras,
Mal soubera do padre a ultima aventura.

.....

Encontraram-n'a um dia, ás poldras do regato,
Morta, tendo no olhar uma expressão do céu...
O medico teimou ser falso o tal boato
Que sobre essa pequena, estúpido, correu.

Mangualde, 2 de janeiro de 1887.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

AS DUAS ESMOLAS

I

Andrajosa velha de faces macilentas, onde a miseria tinha esculpido, em traços indeleveis, toda uma historia de privações e dôr, achava-se sentada á beira d'uma estrada, implorando a caridade publica. Os viandantes passavam sem lhe lançarem sequer um olhar de compaixão, e durante o dia, nem uma só esmola, nem uma só, fôra dada á velha mendiga.

Porém, ao cabir da tarde, quando as aves, em alegre chilreada, procuravam na fresca folhagem das copadas carvalheiras um doce abrigo onde podessem passar commoda noute, e as manadas de bois, caminhando vagarosamente, mugiam á aproximação do curral, um trem faustoso, verdadeira equipagem nobre, rodou ante a pedinte.

Dentro, encostada a uma ossuda aia, genuino typo bretão, ia uma pallida creança envolta em rendas e setins, que, ao ver estendida para ella a mão escalavrada pela doença, abriu desdenhosamente a bolsa e atirando ao chão com uma pequena moeda de prata, exclamou com enfado:

—Que nojo... E' mesmo repellente...

A mão que se estendia, recolheu-se instantaneamente; o sorriso que illuminava o rosto da pobre desapareceu de todo, e a moeda lá ficou esquecida no pó da estrada, ao passo que o trem, prestes a desaparecer na curva do caminho, era seguido por um profundo olhar de desprezo.

II

N'isto acercou-se da velha uma pequenita, que recolhia da

escola. Trazia no braço um cabazinho onde guardava o livro de leitura, de envolta com os primeiros trabalhos de costura, e vinha comendo alegremente um pedaço de pão de centeio. Ao passar em frente da anciã, a creança quedou-se, olhando-a um pouco de tempo em silencio, e depois, approximando-se timidamente, de poz-lhe no regaço o pão que tão gostosamente saboreava, acrescentando com tristeza:

—Não tenho mais nada!

E dos olhos da velha desprendeuse, então, um mar de lagrimas, que ao tocarem no sólo se transformaram em brilhantes de excepcional belleza, com que ella, reconhecida, encheu o cabaz da pequenina bemfeitora.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

CARLOS RELVAS

Damos hoje o retrato de um homem que desmente o proverbio «Ninguém é propheta na sua terra»

E' impossivel ser mais estimado, mais querido e mais adorado do que o é Carlos Relvas na Gollegã, terra da sua naturalidade e onde vive a maior parte do anno.

*

Carlos Augusto de Mascarenhas Relvas de Campos, filho de um dos mais opulentos lavradores do Ribatejo, casou ainda muito novo com a ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Mendes de Vasconcellos, filha dos nobres condes de Podentes, e representante das duas mais illustres casas da Beira Alta.

Senhor de uma grande fortuna, esposo de uma das senhoras mais formosas de Portugal, cercado de uma familia que teve sempre como credo a nobreza do coração e do espirito, Carlos Relvas tem visto deslizar a vida, sem levantar atraz de si um odio, uma malquerença, uma inveja sequer.

*

Além dos cuidados da sua immensa lavoira, que pode servir de modelo, tal é alli a perfeição em todos os trabalhos do campo, o nosso biographado lembrou-se um dia de aproveitar as horas que lhe ficavam livres, e fez-se artista.

Correu os principaes *ateliers* photographicos da Europa, comprou os mais custosos e perfeitosapparelhos, e fundou, junto da sua esplendida vivenda da Gollegã, um primoroso *atelier* que é um primor de elegancia e de bom gosto.

Emquanto aos seus trabalhos de amator, não ha ninguem que os não conheça. Todos os possuem, ou todos os teem admirado em casa dos seus conhecimentos. As suas photographias distinguem-se pelo gosto artistico da *pose* ou do ponto de vista, pela escolha de luz, pela nitidez, e emfim, por uma cousa que se não explica, mas que só dá o talento e o genio.

As photographias de Carlos Relvas, apresentadas em varias exposições nacionaes e estrangeiras, teem conquistado em todas ellas um dos logares mais distinctos, e merecido ao seu auctor varias medalhas e menções honrosas.

*

Como *sportman*, Relvas é o mesmo que é em tudo. E' completo. Ninguem possui melhores cavallos e ninguem os sabe tratar e fazer correr melhor. Lesto e elegante, é um perfeito *gentleman rider*.

Como toureiro amator, tambem Carlos Relvas tem alcançado renome. Ha vinte annos que toureia a cavallo e a pé. E' tão dextro como cavalleiro, quanto o é como bandarilheiro. Carlos Relvas allia á sua grande dextreza de cavalleiro, e grande firmeza, uma serenidade de animo, como poucos.

O seguinte facto demonstra claramente o que avançamos. Na praça da Foz do Douro, um cavallo montado pelo sr. Relvas, foi ferido por um ferro, e resalbeou, dando uma volta á pra-

ça, que é pequena e angulosa, nos mais nervosos corcovos, tentando algumas pessoas ver se conseguiam fazel-o parar, o que foi baldado empenho.

Extenuado pela lucta, o cavallo parou afinal, sem que conseguisse perturbar o animo corajoso do elegante e denodado cavalleiro.

O sr. Relvas recebeu então uma das mais completas ovações que se podem imaginar.

OS IRMÃOS ANDRADES

Antonio de Andrade e Francisco de Andrade, são filhos do conhecido jurisconsulto, dr. José Justino d'Andrade e Silva. Nasceram em Lisboa, e cursando os estudos superiores, receberam uma educação esmeradissima. A bella voz que já demonstravam, alliada ao grande amor pela arte do canto, que por vezes se evidenciou em alguns concertos publicos e particulares, resolveu-os a abraçar a carreira lyrica. Tiveram como professores de musica, na infancia, o maestro Casimiro, que morreu ha annos, e depois o maestro Pontecchi. De declamação, José Romano e D. Luiz da Costa, professor que foi do Real Conservatorio de Lisboa. Em Italia, Miraglia, o grande tenor que a Europa inteira admirou, e Ronconi, o celebre barytono para quem Donizetti escreveu as suas operas.

*

Antonio, tenor, debutou em Varese aos 30 de setembro de 1882, no Fernando da *Favorita*, sendo felicissimo nas suas tres primeiras provas, que lhe garantiram um contracto para Livorno, onde interpretou, com a Brambilla, por imposição do maestro Ponchielli, as operas *Promisi Sposi* e *Rigoletto*.

De Varese passou a Prato, para fazer o *Baile de Mascaras* e a *Linda de Chamounix*; de Prato a Milão, onde alcançou brilhantes triumphos, e de Milão a varios outros theatros lyricos da Italia, recebendo em todos elles applausos calorosos e merecidos.

*

Francisco d'Andrade, barytono, debutou em S. Remo aos 26 de dezembro de 1882, no Amonasro da *Aida*. Os criticos importantes da localidade disseram, nas suas apreciações, que não sabiam «se elle era mais cantor, se mais actor. Parecia-lhes Salvini sob os trajos de Ronconi».

Cantou, ainda no mesmo theatro, o *Fausto* e a *Lucia de Lamermoor*.

O tenor Tamagno escripturou-o em seguida para Roma, onde Francisco se fez ouvir no *Poliuto*, no *Trovador* e no *Guilherme Tell*. O desejo de visitar seus paes induziu-o a recusar contractos para Parma e Padua.

Novamente em Italia, foi a Carrara, cantar o *Rigoletto*, *Puritanos* e *Hernani*, sendo classificado, tanto alli como em S. Remo e Cesena, para onde foi mais tarde, como a primeira figura da companhia.

Em Cesena cantou os *Puritanos* e a *Traviata*, e em Milão, no Dal-verme, para onde foi escripturado para expressamente interpretar o *Rigoletto*, creou ainda uma opera nova, *O Rei Manfred*.

A devastação que se produziu em 1885 por toda a Italia, com o cholera morbus, obrigou os dois irmãos a recolherem a Lisboa, sendo aqui contractados para cantar no theatro de S. João, do Porto, com a famosa Sembrich.

*

Além das operas mencionadas, que os dois artistas teem cantado, figuram no seu repertorio: *Africana*, *Gioconda*, *Roberto do Diabo*, *Carmen*, *Dinorah*, *Barbeiro de Sevilha*, *Força do Destino*, *D. Carlos*, *Sonambula*, *Simão Bocanegra*, *Mignon*, *Macbeth*, *Nabuchodonosor*, *Sapho*, *Propheta*, *Vesperas Sicilianas*, *Martha*, *Mephisto-feles* e outras.

UM BOM NEGOCIO

Sob este titulo, figurou n'uma exposição universal de Paris, o quadro que damos hoje em gravura. Representa elle um judeusinho allemão a guardar alegremente no seu *porte-monnaie* uma

moeda de cobre, ou de prata, ou mesmo de ouro, conforme a phantasia do leitor a quizer imaginar.

O judeusinho tem as feições characteristics da familia israelista, e a expressão de cubiça de ha muito attribuida áquella raça proscripta e dispersa por todo o mundo.

Knaus, o notavel pintor de genaro allemã, foi quem assignou essa formosa tela onde se vé representada a figura a que alludimos, admiravel de naturalidade e de expressão, que todos os periodicos illustrados teem divulgado pela gravura, que milhares de vezes se tem reproduzido pela photographia e que a *Illustração Portugueza* offerece n'este numero aos seus leitores.

Knaus, o auctor do *Bom negocio*, é um dos raros artistas que teem a honra de estar representados no museu do Luxemburgo, de Paris, o pintor que ha trinta annos para cá tem cultivado a pintura de genero com mais perfeição, obtendo os maiores triumphos tanto na Allemanha com em França. As suas obras attraem-nos e seduzem-nos pela maneira brilhante como o grande artista sabe reproduzir a verdade e a natureza.

UMA SALA DO PALACIO DO TÉREM EM MOSCOW

Representa a nossa gravura a chamada sala de ouro, do palacio do Térem, em Moscow.

Dão-lhe este nome, por existir ali uma baixella de ouro, de incalculavel valor.

Entre os sumptuosos salões do palacio de Térem, é este, sem duvida, o que mais riquezas encerra.

CAÇA ÁS AVES AQUATICAS NO PAIZ DOS ESQUIMAUS

E' assim que os esquimaus caçam, no seu gellido paiz, as aves aquaticas. A arma empregada consta d'uma longa haste de madeira, a que se liga, em um dos extremos, uma especie de cabaz, feito de vime. O caçador agita aquelle apparelho no ar, quando as aves passam ao alcance do cabaz, e consegue apanhar, dentro d'este, duas e tres, d'uma assentada. Depois, torce-lhes o pescoço, e come-as ou vende-as.

EM FAMILIA

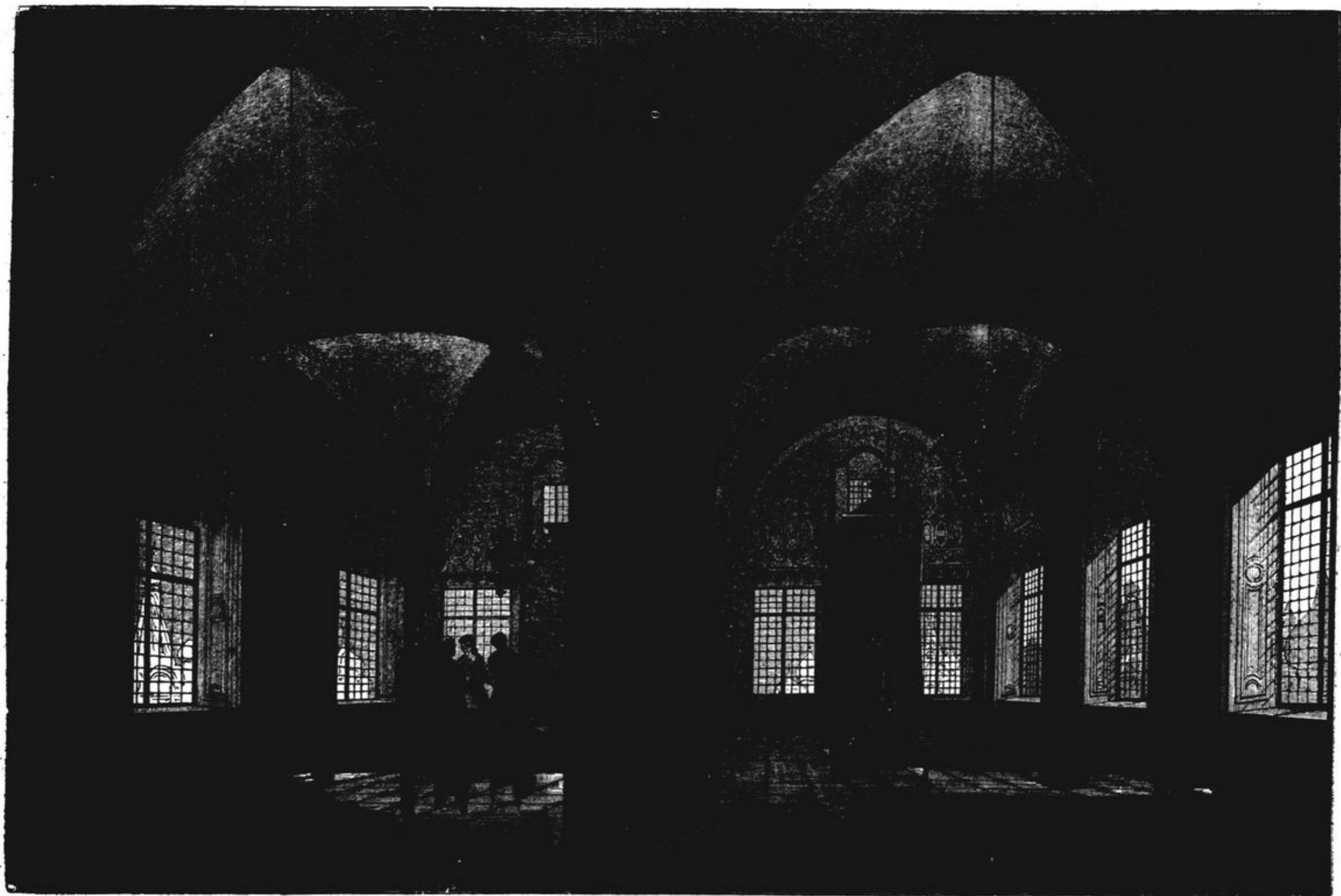
(PASSATEMPOS)

CHARADAS EM VERSO

Um termo não portuguez
—Nem francez—
Se procuras co'attenção
Aqui, de certo acharás,
E vel-o-has
Mesmo em qualquer oração.—2

Tem esta seis manasinhas,
—São sósinhas!—
Uma arte das mais bellas,
Dá-lhes espontaneo abrigo
Contra o p'rigo:
—E esta aqui, tão longe d'ellas!—1

Se me buscam na cidade,
Na verdade
Eu não serei encontrada,



UMA SALA DO PALACIO DO TÈREM EM MOSCOW

Pois—segundo me parece—
Acontece
No campo eu 'star collocada.—2

Eu posso aqui affirmar
E provar
Que o todo é um vegetal;
E não has de precisar
P'ra o achar,
Sahir cá de Portugal.

MATHEUS JUNIOR.

A primeira é vegetal,—1
A segunda é mineral.—1
Ambas formam animal,
Que não ha em Portugal.

A. A. PINTO.

CHARADA—MAPPA

9	9	9	Planta
9	9	9	Bastão
9	9	9	Povoador
Planta	Bastão	Povoador	

Logogripho

Que pena de estar distante
Da terra onde nasci!—1, 9, 4, 5, 6
Eu presinto, a cada instante,
Que nunca mais volto ali!—6, 9

Que tyranno o meu destino,—3, 8, 1, 9
Em trazer esta doença!—7, 2, 7, 2
Quanto mais eu me amofino,
Mais ella se torna intensa...

* * *

Que morbido palor! Que fundo o meu desgosto!
Oh terra onde eu nasci!
Sou mais triste que as flor's á hora do sol posto,
Por 'star longe de ti!...

Do que ellas bem mais triste! Ai que melancolia!
Penar a toda a hora!
Inda ao menos as flor's soffrem ao ir-se o dia;
Mas riem com a aurora!

Só eu soffrer assim!... Que negra a minha sorte!
Que feia desventura!
Sem ter, na minha patria, ao menos lá na morte,
A paz da sepultura!

ANTONIO R. BRANCAL.

Enigmas

Eu sou lindo, tenho aroma,
E de pennas sou composto,
De papel, de caça, e seda,
A's damas dou muito gosto.
Sou de ferro, e mais de prata,
Ando leguas, sei lá quantas!
Estou nas imagens santas,
Esta verdade é exacta.
No nariz de muitas velhas,
Tambem lá me podem ver.
D'antes, nas salas de tom,
Eu dava immenso prazer.

A. A.

KK

SALTO DE CAVALLO

(Quan)	pal	te	Só	rom	tar	gir	morl
ful	jul	do. ao	vel,	Sur	Bran	per	ao
pi	bran	gor	vir	len	fa	a	pla
go	de	tan	to, af	(cal)	m'a	sol	d'au
lum	do	ver	ca	te, E	A	ci	seu
to	nha	lei	-se	en	do	ro	te,
seu	des	tão.a	em	ce, a	ve	er	do. o
mi	man	do	jo	guer	sol	man	ra. eu

A decifração do enigma é uma poesia, cuja epigraphe é:—
Matinal.

Começa e acaba nas syllabas entre parenthesis.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Problema

Resolver, sem auxilio da algebra, o seguinte problema:

Suppondo que mãe e filha fazem um bordado em 6 horas, em quanto tempo o farão cada uma d'ellas, trabalhando só, sabendo-se que a filha trabalha duas vezes mais depressa que a mãe?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Apollinario—Serpão—Gregorio.
Do ENIGMA:—Miciriri.

DA CHARADA GEOGRAPHICA:—Cochinchina.

DO LOGOGRIPO:—Callicrates.

DO PROBLEMA DO N.º 31:—E' facil demonstrar que até 1 bilhão exclusivé ha $\frac{10 \times 8 + 1}{9}$ algarismos.

Effectuando as operações, acha-se 888888889.

Juntando os 10 algarismos com que se escreve 1 billião, tem-se 8888888899 Dividindo por 4×10 , que representa o numero de metros do equador, acha-se 222 e mais $\frac{1}{4}$ proximamente.

O espaço occupado pelos algarismos é pois 222 vezes o equador, e mais $\frac{1}{4}$ proximamente.

A RIR

Um marido altamente zeloso entra em casa sem ser esperado, e encontra a cara metade conversando muito á boa paz com um dos seus amigos.

O Othelo exclama:

—Miseraveis!... Atraiçoam-me!

A esposa, com um ligeiro movimento de hombros:

—Pois tu crés isso, meu amigo? Faz tanto calor!...

—Accusado, qual foi o motivo que o instigou a assassinar sua mulher?

—O ciume, sr. juiz!

—Mas para que cortou a desgraçada em quatorze bocados?

—E' o meu numero favorito. Nasci no dia 14, casei no dia 14, fui condemnado 14 vezes... Parece-me pois que era natural...

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA PARA MARCAR ROUPA

Limalha de ferro..... 60 gram.
Acido azotico..... 100 "

Junta-se-lhe:

Solução de sulphato de protoxido de ferro..... 50 "
Solução de acido de chumbo 25 "

Decanta-se o liquido, e recolhe-se o abundante precipitado amarello produzido.

UM RAPTO

Na ermida de Nossa Senhora do Desterro ia um d'esses borborinhos caracteristicos dos ajuntamentos mulheris, feito do frou frou das sedas, dos ditos cochichados e das risadinhas abafadas.

Estava a igreja cheia como um ovo. Era a primeira sexta feira de quaresma, e portanto o primeiro sermão. E todas as meninas que se haviam entregado ao diabo nas loucuras do carnaval, iam lançar-se afflictas nos braços do Christo ensanguentado.

A igreja um momento suplantada, retomava e seu imperio. Os padres viam, com prazer, voltar ao redil aquellas gentis ovelhinhas tresmalhadas no bulicio dos bailes.

Até o sacristão tinha um ar grave, doutoral, e accendia solemnemente os lustres, atravessando por entre as mulheres com a pericia consummada de piloto acostumado áquellas ondas revoltas.

Ao fundo da ermida, os homens em columnas cerradas, sustentavam briosamente o fogo do namoro evolado dos olhos das gentis penitentes. Uns assestavam os monoculos petulantes, outros fallavam com os dedos e com os olhos, sem o menor rebuço. As mães, fingiam não dar pela cousa.

Quando a igreja estava a regorgitar de fieis, parou de subito uma carruagem elegante á porta exterior da sacristia, e apeou-se d'ella uma senhora de meia idade, a viscondessa de **, trajando opulentamente de velludo preto e seguida de uma encantadora menina de seus 16 annos, vestida singellamente de seda preta. Ambas traziam na cabeça, á moda da terra (Açores), uma mantilha de renda, presa com pregos.

Na passagem do corredor da sacristia para a capella mór, havia tão grande numero d'homens, que as duas senhoras abriam caminho com muita difficuldade.

Foi n'este aperto que a elegante menina, cujos olhos procuravam com anciedade alguem, fixou um gracioso alferes d'artilleria, quasi imberbe e louro como um cherubim.

Rapido como o pensamento, o alferes estendeu o braço e apertou a mão da pequena, introduzindo-lhe um bilhete perfumado, que ella fechou nervosamente, curvando-se ruborisada.

A viscondessa, toda entregue á tarefa de romper por entre a multidão e soprando como uma baieia, não deu pela manobra. Conseguiram afinal penetrar na capella-mór.

Apenas ajoelharam, pôde a nossa namorada ler o bilhete aberto dentro do livro. A missiva era laconica e revelava um plano traçado d'ante mão. Dizia: «Quando no meio da tumulto te sentires agarrada, não grites; deixa-te conduzir. Respondo pelo exito. Raul.»

Afinal, appareceu no pulpito a figura pallida do prégador e logo todas as boccas emmudeceram. Era o padre Anjos, doutor em theologia, muito conhecido nas salas. Alto e delgado, mãos finissimas, phrase delicada e voz sympathica, uma estola admiravel, traçada elegantemente, ninguem como elle tinha o condão de attrahir o publico. Era um comediante perfeito.

A sua exposição, semeada de imagens felizes, commovia o auditorio. Sentia-se vontade de abandonar as cousas d'este mundo e renovar as lendas poeticas do christianismo dos tempos primitivos.

Quando o prégador, sereno como um arroio, ia deslizando suavemente por entre os tropos cerrados de uma orchestração opulenta da palavra, um estampido medonho echoou em todo o templo, como se as abobadas se rasgassem. Repentinamente ficou tudo ás escuras. Um grito unisono de terror, ergueu-se de todos os labios.

O padre ainda lançava maior nota de terror, gritando na sua voz vibrante:

—Misericordia, Senhor! Misericordia!

Homens e mulheres, corriam atropellando-se em todas as direcções, procurando a porta da rua sem a encontrarem, por isso que o povo que estava no adro, querendo por sua vez penetrar dentro da igreja para salvar os devotos, empurrava as portas para dentro, ao passo que os de dentro as empurravam para fóra.

E o padre, no pulpito, continuava a gritar:

—Misericordia, Senhor!

Por fim, os populares foram buscar machados e rasgaram d'alto a baixo as portas. Fez-se o silencio ás primeiras machadadas. Apenas despedaçadas as portas, uma multidão desenfreada precipitou-se no adro, espriando-se na rua.

Homens, com os fraques em farrapos, e sem chapeo. Mulheres, com os vestidos em tiras, o olhar desvaírado, bebendo o ar a ple-nos pulmões.

Alcatifando o chão da igreja, muita gente prostrada, sem sentidos e espesinhada, mas, felizmente, nenhuma pessoa morta.

A viscondessa, pallida e tremula a um canto, relanceava o olhar em volta de si e gritava pela menina que a acompanhava e que tinha desaparecido.

* * *

No dia seguinte os jornaes commentavam o caso com indignação e apuravam que a auctoridade tinha encontrado os fragmentos de uma enorme bomba de arraial.

Quem seria o terrivel gracioso? interrogavam. E tinham reticencias maliciosas, alludindo ao brilhante official d'artilheria e ao desaparecimento mysterioso da filha da viscondessa. Toda a cidade sabia do namoro dos dois jovens. Eram já do dominio pu-

o que os trazia a ambos escandalisadissimos, declarou á ultima hora que o Raul tinha afinal confessado ter raptado a filha da viscondessa, de combinação com ella, na igreja, e que estava prompto a recebê-la por esposa. Que, toda a soldadesca do castello já a tinha visto á janella do quarto do official; que, toda a cidade não fallava d'outro assumpto. N'estes termos, o que havia de melhor a fazer, era unil-os matrimonialmente e evitar que elle partisse no dia seguinte, indo ella em outro navio juntar-se-lhe depois em Lisboa.

A viscondessa, fula de colera, respondeu:

—Mas esquece-se de que a justiça não consentirá que essa cilada se realise?

O governador, com um sorriso ironico:

—Oral A justiça compra-se, como se comprou o sacristão.

—Veremos. O que lhe asseguro é que minha filha nunca hade casar com esse homem.

—Pois veremos, viscondessa.

E o governador retirou-se.

No dia seguinte embarcava o alferes, no meio de um cortejo de curiosos. E os officiaes de justiça passavam uma rigorosa busca ao paquete antes d'elle levantar ferro, sem encontrarem a fugitiva. Evidentemente não tinha embarcado.

Apenas o paquete se tinha perdido na linha do horizonte, o coronel arrastava a sua espada nos tapetes do salão da viscondessa.

—Então não lhe dizia eu? Sua filha vae a caminho de Lisboa.

—Mente, senhor! Minha filha ficou em terra, respondeu a viscondessa. Foi dada uma busca rigorosa a bordo e não a encontraram. Vou, mas é proceder contra si.

—Pois perde o seu tempo e o seu dinheiro.

A viscondessa, effectivamente, requereu para que fosse intimado o governador a depor o que soubesse acerca do paradeiro da filha, mas elle confirmou a fuga e aconselhou que esperassem a chegada do primeiro correio de Lisboa. Vindo este, logo pelos jornaes souberam o comico e extraordinario caso, revelado pelo commandante do paquete ás auctoridades lisboenses, de que uma menina filha da viscondessa de *** da ilha, fugira á familia com o alferes de artilheria Raul da Fonseca, tendo embarcado dentro de um caixote de madeira com furos na tampa, como bagagem do joven official e escapando d'est'arte a vigilancia das auctoridades postas em campo pela sua familia.

E os jornaes, sempre philosophos, tiravam a moralidade do caso singular do não consentimento da viscondessa para que o Raul reparasse a affronta ao seu brazão, nos seguintes termos: «E' preciso que se saiba que a extraordinaria fugitiva, não é só uma encantadora joven de 16 annos; é tambem uma das mais ricas herdeiras açorianas.»

O temivel governador, agitando triumphante os jornaes do continente, pisou de novo os tapetes da viscondessa, e desdobrou-os um por um ante os seus olhos.

Apenas a viscondessa os leu, exclamou rindo ás gargalhadas, com grande assombro do governador:

—Pois podem casar á vontade os dois pom-binhos. Não serei eu que me opponha!

E erguendo-se altivamente, mediu o governador com um olhar indiscriptivel; e dirigindo-se a uma porta da sala, abriu-a e trouxe pela mão uma gentil menina, que apresentou ao coronel, com estas palavras aceradas como estiletos:

—Apresento-lhe minha unica filha! A outra,

era simplesmente minha sobrinha. Mas parecem-se muito physicamente. Emquanto a haveres, a que fugiu é pobre como Job. Prestou-me comtudo um grande serviço e não serei eu que deixe de recompensal-a com um dote. Merece-o, coitada! Queira participar isto mesmo ao seu amigo...

E a viscondessa, curvando-se graciosamente para o governador aturdido, desapareceu seguida da filha, por detraz de um grande reposteiro.

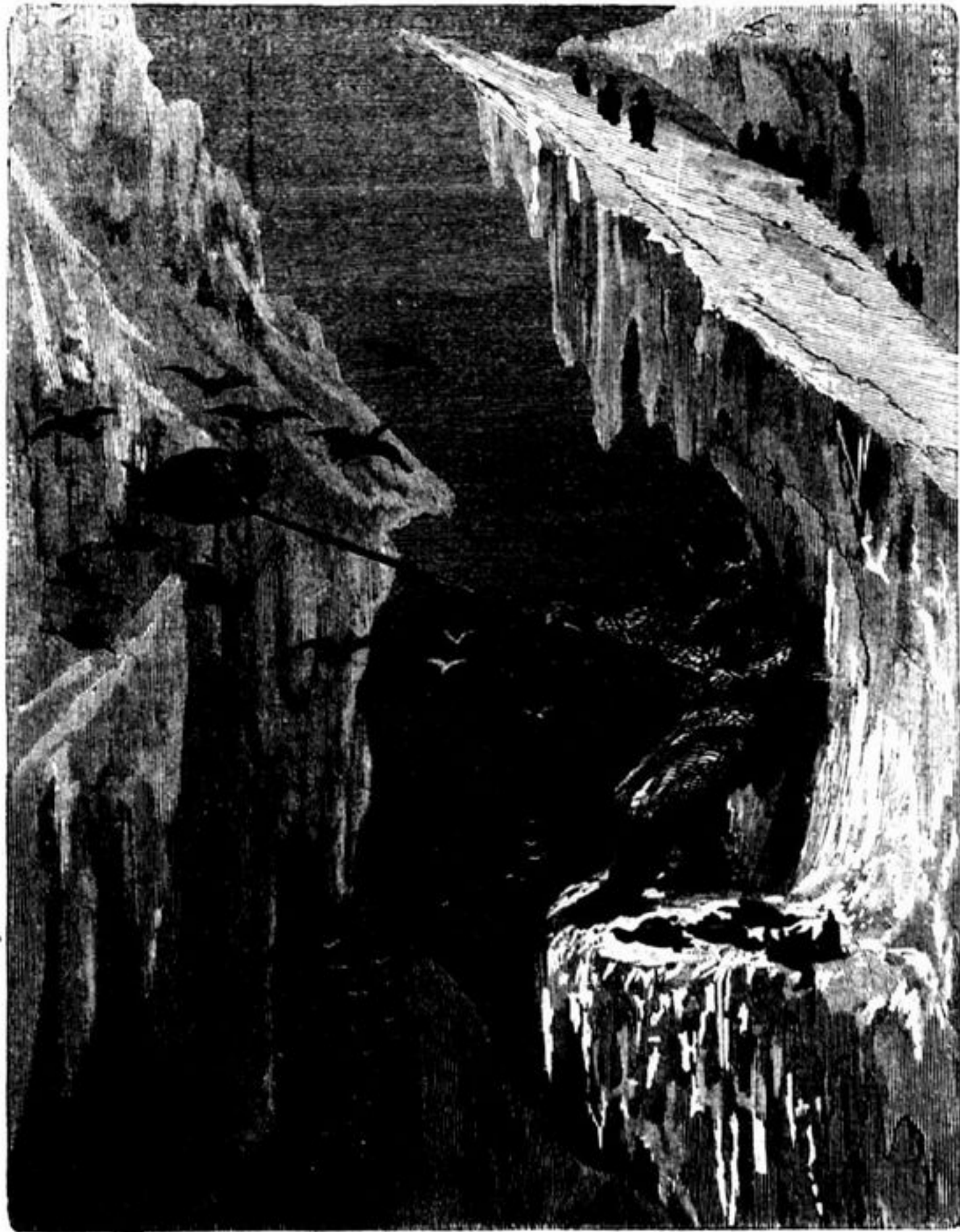
No dia seguinte, todos os jornaes da ilha desmentiam a noticia dada pelos diarios de Lisboa e contavam ao publico a extraordinaria anedocta.

O pobre Raul enganara-se deploravelmente, suppondo ambas as raparigas filhas da viscondessa.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



CAÇA ÀS AVES AQUATICAS NO PAIZ DOS ESQUIMAU

blico as varias tentativas de raptó, abortadas, que o Raul havia planeado. Por fim, a viscondessa tinha conseguido que o alferes fosse mudado para um regimento do continente do reino, e o pobre rapaz vira-se na necessidade de recorrer aos meios extremos.

Em casa da viscondessa, como é facil suppor, ia a maior desolação. As janellas do palacio, fechadas, traduziam para o publico a dor secreta d'aquella familia patricia. O governador militar, ia e vinha n'um vae vem continuo, do castello para casa da viscondessa, portador de más novas. O alferes, tendo sido transferido de corpo, e possuindo a sua guia de marcha, na mão, para embarcar no dia seguinte, já não lhe devia obediencia e negava a pés juntos que tivesse nada de commum com os acontecimentos da igreja.

Que fazer?

O governador que, no fundo do seu coração aventureiro de soldado, approvava o golpe de mestre de Raul e que desejava ao mesmo tempo ver humilhada a soberba viscondessa, que nunca onvidara a mulher d'elle nem elle proprio para os seus saraus,